

23 MAI 1995

JORNAL DO BRASIL

8 • TERÇA-FEIRA, 23 DE MAIO DE 1995

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

Conselho Editorial

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — Presidente
WILSON FIGUEIREDO — Vice-Presidente

Conselho Consultivo

FRANCISCO DE SÁ JÚNIOR
FRANCISCO GROS

JOÃO GERALDO PIQUET CARNEIRO
JORGE HILÁRIO GOUVÉA VIEIRA

DACIO MALTA — Editor

MANOEL FRANCISCO BRITO — Editor Executivo

ROSENTE CALMON ALVES — Editor Executivo

ORIVALDO PERIN — Secretário de Redação

SÉRGIO RÉGO MONTEIRO — Diretor

Escalada Perigosa

Há algo de muito errado com a segurança da presidência da República quando o ônibus do Chefe da Nação pode ser facilmente alvejado por uma pedrada, ferindo membros de sua comitiva.

O incidente em Campina Grande, na Paraíba, não foi o primeiro a demonstrar a vulnerabilidade e ineficácia do esquema de proteção presidencial montado pelo Gabinete Militar. Em março, desordens insuflados pela CUT e partidos extremistas que se opunham às reformas enfrentaram policiais do Exército nas ruas a uma distância imprudente de Fernando Henrique Cardoso.

Depois foi o patético episódio do *deck* que ruiu parcialmente em Carajás, onde cinegrafistas e fotógrafos, a menos de cinco metros do presidente, por pouco não caíram num precipício de dezenas de metros. O amadorismo neste caso é inadmissível: segurança de presidente da República tem precedência sobre qualquer tipo de consideração. Ficou-se com a impressão de que em Carajás a segurança estava sob as ordens do inspetor Clouseau.

Tanto a União quanto os estados são responsáveis pelas falhas nesses casos. Os encarregados diretos da proteção ao presidente deveriam ser sumariamente demitidos. Os autores do atentado teriam de ser identificados, através de rigoroso inquérito, presos e processados na forma da lei. A persistir tamanha vulnerabilidade na comitiva presidencial, métodos de militantes fascistas como os exibidos no Nordeste tenderão a escalar em ousadia e virulência.

A impressão que se tem é de improvisação e

incompetência, sem mesmo a realização de um serviço preventivo, a cargo de uma equipe de batedores especializados, feito preliminarmente a toda viagem presidencial. Esses grupúsculos de desordens pretendem justamente colocar o governo da defensiva e criar a imagem de descuido e falta de pulso para a equipe presidencial.

Manifestação política é expressão pública e coletiva de opinião. Protesto consiste em queixar-se em voa alta, clamar. Baderna é pura perturbação da ordem, tumulto, mazorca, assuada. Quando argumentos são substituídos por vandalismos e improários, quando se ameaçam autoridades constituídas em nome da democracia, chegou a hora de reagir e reprimir.

As polícias estaduais não podem se amedrontar com vaias nem com cara feia. O esquema de segurança presidencial tem que ser altamente profissional e qualificado. O assunto é sério. Bastaram alguns episódios sinalizando risco ao presidente americano — o aviôzinho que pousou clandestinamente nos jardins da Casa Branca e o pedestre que abriu fogo contra a residência oficial de Bill Clinton — para que o governo dos Estados Unidos decidisse fechar definitivamente a importante avenida Pennsylvania ao tráfego de veículos.

A segurança é uma importante função do Estado que visa a colocar em prática as limitações que a lei impõe à liberdade dos indivíduos e dos grupos para a salvaguarda e manutenção da ordem pública e a proteção de bens tutelados com disposições penais. Defender a integridade física do presidente da República é a primeira obrigação nesta escala de obrigações.